



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

WALQUÍRIA CARVALHO LEAL

POLÍTICA, PROGRESSO E EFETIVAÇÃO: O 3º BEC na cidade de Picos-PI
1970-1980

PICOS-PI

2018

WALQUÍRIA CARVALHO LEAL

**POLÍTICA, PROGRESSO E EFETIVAÇÃO: O 3º BEC na cidade de Picos-PI
1970-1980**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Ms. José Lins Duarte.

PICOS-PI

2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

L435p Leal, Walquíria Carvalho.
Política, progresso e efetivação: o 3º BEC na cidade de Picos-PI 1970-1980. / Walquíria Carvalho Leal. – Picos,PI, 2018.
52 f.
CD-ROM : il.; 4 ¼ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

Orientador(A): Prof. Me. José Lins Duarte.

1. História Militar. 2. Política – Piauí - História. 3. Picos-PI – 3º BEC. I. Título.

CDD 351.74098122



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64607-670 – Picos - Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos onze (11) dias do mês de Dezembro de 2018, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Walquíria Carvalho Leal** sob o título **Política, progresso e efetivação: O 3º BEC na cidade de Picos-PI (1970-1980)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Me. José Lins Duarte

Examinador 1: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Examinador 2: Prof. Me. Robson de Lima Fernandes

Deliberou pela Aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 80.

Picos (PI), 11 de dezembro de 2018

Orientador (a):

Examinador (a) 1:

Examinador (a) 2:

José Lins Duarte
Francisco Gleison da Costa Monteiro
Robson de Lima Fernandes

Dedico esse trabalho a minha mãe, Maria dos Remédios Carvalho, por ser fonte de inspiração, respeito e amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus pelo dom da vida, a minha mãe (Maria dos Remédios) por sua função de pai e mãe e sua dedicação durante toda minha vida até aqui, a minha irmã (Vilma) por os incentivos diários, aos meus avós maternos (Jovita e José) por sempre torcer por mim, as minhas sobrinhas (Allana Cristyne e Allyce Thayla) por as brincadeiras para me distrair nas horas difíceis, ao meu namorado (Francisco Manoel) por os incentivos e torcer por mim durante esses quase três anos de convivência, as minhas amigas da UFPI (Aline, Luciana e Roberta Aurení) por me suportarem nos dias difíceis durante esses quatro anos e meio de convívio diário, aos meus tios e tias, primos e primas, vizinhos e demais familiares por sempre está torcendo para que eu alcance meus objetivos.

Quero também agradecer de coração ao meu Professor e Orientador Ms. José Lins Duarte, por aceitar de cara ser meu orientador e por sempre está me ajudando nesse trabalho durante esse período de produção monográfica. Ao Professor que participou da banca no TCC I Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro por suas contribuições de correções na primeira parte deste trabalho. A Professora Dra. Marylu Alves de Oliveira por sua contribuição quando lhe procurei e fui atendida de imediato.

Sou muito grata a instituição do 3º BEC (3º Batalhão de Engenharia de Construção) pela oportunidade e confiança de ter me concedido acesso aos arquivos para produção dessa monografia, e ao Museu Ozildo Albano de Picos pelas as fontes disponibilizada do acervo do Museu para construção desta produção de minha autoria.

Enfim, agradeço a todos que de forma direta ou indireta puderam contribuir para o meu crescimento tanto pessoal quanto profissional durante todos esses meus vinte e sete anos.

Sem sonhos, a vida não tem brilho. Sem metas, os sonhos não têm alicerces. Sem prioridades, os sonhos não se tornam reais. Sonhe, trace metas, estabeleça prioridades e corra riscos para executar seus sonhos. Melhor é errar por tentar do que errar por omitir! (Augusto Cury)

A destruição do passado, ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes do que nunca no fim do segundo milênio. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores. (HOBSBAWN, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX - 1914-1991. SP.)

RESUMO

Este trabalho procura analisar aspectos da história do surgimento do 3º Batalhão de Engenharia de Construção (3º BEC) no intuito de entender parcela de sua atuação em episódios políticos, econômicos e sociais em Picos e região, ao mesmo tempo pretende-se dialogar e estabelecer as fundamentais modificações ocorridas no interior da cidade de Picos/PI com a chegada do 3º Batalhão de Engenharia de Construção, destacando sua participação em determinadas modificações no espaço regional, sobretudo, com seus resultados positivos para uma parcela da população, que tem estado excluído de vários processos que garantem uma alteração no seu modelo de vida, das políticas educacionais, de admissão no trabalho e de moradia. Sendo necessário inicialmente abordar o contexto dos anos sessenta e setenta, com o objetivo de entender os eventos políticos e sociais, principalmente, o do avanço dos militares ao domínio e dos recursos de coibição e violências usadas por eles.

Palavras-Chave: História Militar. Política. Cidade. Picos. 3º BEC.

ABSTRACT

This work seeks to analyze aspects of the history of the emergence of the 3rd BEC in order to understand its role in political, economic and social episodes in Picos and region. At the same time, it intends to dialogue and establish the fundamental changes occurred in the interior of the city of Picos / PI with the arrival of the 3rd Battalion of Construction Engineering, highlighting its participation in certain modifications in the regional space, especially with its positive results regarding the welfare of large numbers of the population , which has been excluded from several processes that guarantee a change in their model of life, educational policies, admission to work and housing. It is necessary initially to approach the context of the sixties and seventies, with the objective of understanding the political and social events, mainly, the advance of the military to the dominion and the resources of restraint and violence used by them.

Keywords: Military History. Politics. City. Peaks. 3rd BEC.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - Comício ocorrido no dia 13 de março de 1964, na Central do Brasil-RJ.....	16
IMAGEM 2 - Embaixador Lincoln Gordon, em 1963, em uma palestra na Escola Superior de Guerra para generais brasileiros.....	21
IMAGEM 3 - Plataforma da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em São Paulo, no dia 29 de março de 1964.....	25
IMAGEM 4 - Pátio da Igreja Matriz e Praça Félix Pacheco, localizado no centro da cidade.....	37
IMAGEM 5 - Barragem de Bocaina em construção no ano de 1970.....	44
IMAGEM 6 - Construção do 3º BEC no Bairro Jardim Natal, Picos - PI.....	44
IMAGEM 7 - Construção da Ponte que liga o bairro de Santa Teresa ao centro de Teresina no ano de 1970.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 RUPTURA DA REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA.....	14
1.1 Crise econômica e o golpe civil-militar de 1964.....	14
1.2 O contexto brasileiro no decorrer dos anos de 1960: confrontos políticos, sociais e ideológicos.....	18
1.3 Repressão política no Piauí: conflitos, prisões e torturas contra a ameaça vermelha.....	22
1.4 A cidade de Picos em 1970: a chegada do 3º Batalhão de Engenharia de Construção.....	28
2 A CONJUNTURA PICOENSE NO DECORRER DOS ANOS DE 1970.....	32
2.1 A implantação do 3º BEC no município e suas atividades urbanas e sociais.....	32
2.2 Modificações Estruturais e o crescimento populacional de Picos em decorrência da vinda do 3º BEC e a implementação de apoios federais e municipais.....	34
2.3 O 3º BEC e o apoio em construções, alargamentos, manutenções na região piauiense....	44
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

INTRODUÇÃO

A minha afinidade com a temática deu-se pela excentricidade de modificações que ocorreram no decorrer dos anos de 1970 e 1980, assim como acontecimentos ocasionados pelo regime militar como, por exemplo, redemocratização, crise econômica e golpe militar. Nesse mesmo cenário ocorre desenvolvimentos nas cidades brasileiras, tanto no âmbito nacional como no piauiense, sobretudo, na cidade de Picos, na qual contou com a edificação e asfaltamento de estradas, restaurações de praças públicas e ruas. Desse modo, todos esses fatores me chamaram a atenção, e através disso iniciei o trabalho sobre a integração de um setor do Exército Brasileiro, o 3º Batalhão de Engenharia de Construção, consideravelmente, isso se refere às transformações estruturais, os resultados se fizeram identificar igualmente no interior das correspondências culturais e sociais.

Os anos de 1960 e 1970 foram consagrados a partir de inúmeras e distintas situações nos âmbitos político, econômico e social. Por causa disso, a visão de contradição entre divergentes ideais e concepções, resultantes do ocasionalmente de um conflito frequente. No ano em 1964, o país passaria por um regime militar, que se instituiu em elaborar uma organização militarizada com o intento de normalizar a economia, executando um plano de crescimento econômico no modelo capitalista e propiciar a harmonia da pátria, abalada pelos “adversários internos”, assim considerados aqueles que tomavam posição com ideias opostas à adotada pelo regime militar. No decorrer dos 21 anos na qual o país viveu à sombra do regime ditatorial a coibição não alcançou somente sujeitos discordantes a autoridade administrativa, mas igualmente teve uma paralisação nas instituições de ensino, no alargamento e fortalecimento da cidadania.

Os acontecimentos desse período histórico se manifestaram como aspectos de inquietações, uma fase de aglomeradas forças na esfera política, na qual ocasionou marcas e ressentimentos na sociedade brasileira, e trabalhar com esse recorte sempre exige cautela e olhares sensíveis para entender determinados discursos de sujeitos e/ou grupos remanescentes desse período que estão presentes no cenário político-social do Brasil atualmente.

Nesse período, a economia achava-se desestruturada e a inflação em índices exorbitantes. A atmosfera era de euforia incessante, o que deve ter complicado pôr em atividade determinadas reformulações, cenário que agilizou o interregno do prosseguimento democrático e a implantação do regime militar. Desse modo, ao estabelecer-se a fase do regime ditatorial são botados em ação muitas propostas de progresso, o "Plano Trienal, que limitavam-se ao domínio da inflação. O grupo econômico do presidente Castelo Branco (1964

– 1967) construiu o Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG)" (BASTIAN, 2013, p. 140), que procurava recuperar a dificuldade inflacionária, diminuindo constantemente a deficiência pública.

Com base na militarização do mecanismo estatal e da eliminação política de grande parcela dos sujeitos, os militares estabeleceram um protótipo de progresso declarado pelos economistas como ligação submissa. Nesse direcionamento, procurou reformular o modo de aplicações objetivas, empenhamento externo derivado de créditos e incentivos juntamente aos bancos internacionais, submissão científica e de comércios, assim como sujeição política e econômica. Um período de mudanças políticas, intelectuais e sociais, e dessa maneira se posicionavam no conflito com as transformações que resultaram em cicatrizes imensas na história e na vivência pessoal de milhares de sujeitos que aderiram à frente de movimentos de reformas.

No primeiro capítulo, são apontados alguns debates acerca da conjuntura dos anos sessenta e setenta, com o objetivo de entender os eventos políticos e sociais, principalmente, o do avanço dos militares ao domínio e dos recursos de coibição e violências utilizados para alcançar esses intentos. Igualmente, procura-se discutir e colocar as fundamentais modificações no âmbito brasileiro e piauiense. Do mesmo modo, analisar como a chegada do 3º Batalhão de Engenharia de Construção (3º BEC) ocasionou a construção de novos agrupamentos na cidade, nessa ocasião não somente na parte central ou em suas imediações, essa eventualidade foi muito expressiva, já que com isso recentes territórios passaram a povoados em Picos, deixando de lado a centralidade efetuada anteriormente pela região, assim como, ocasionou a aceitação da construção de estradas, poços, irrigações e barragens ao longo dos anos.

No segundo capítulo serão apresentados os dados colhidos no arquivo do 3º BEC e arquivos do Museu Ozildo Albano como fontes, bem como sucedeu-se uma sondagem de indicações sobre a temática intentados em teses, dissertações, artigos que possibilitou a elaboração da contribuição teórica-metodológica e a posterior realização da pesquisa. Levando em conta o avanço de amplificação e estruturamento urbano de Picos e propriamente relacionando o 3º BEC às modificações no espaço regional que, no decorrer dos idos de 1970, deslocou-se da condição de interiorana para uma modernização sócio-espacial da urbe.

1 RUPTURA DA REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA

1.1 Crise econômica e o golpe civil-militar de 1964

Acontecimentos históricos geralmente perpassam as ocorrências do círculo de um sujeito. Precisam ir muito mais além do que isso para se enfatizar na consistência de seus planejamentos. Foi um período de proposta integrada a visões de outros anos, na qual necessitou reelaborar suas normas de compreensão e oferecer abertura para o recinto mental para o processo de elementos da formação da sociedade que defenderia o golpe militar de 1964 que, por intermédio da conjuntura política inquietante, o governo de Humberto de Alencar Castelo Branco apresenta o Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG), um plano que favoreceu o Estado com suma possibilidade de interferência na economia, entretanto não conseguiu os objetivos determinados de inflação (mesmo tendo havido uma diminuição) e sucedeu a aprofundação da instabilidade, em decorrência da política de aperto salarial e a admissão de empréstimo privado, como exemplifica Giambiagi e Villela (2005, p. 45).

Existia um ânimo permanente em alguns propósitos, especialmente quando sustentavam as aflições da realidade e arbitrariedades patentes, apesar de que mitigadas por componentes enfadonhos, cansativos e maçantes com fórmulas definidas, porém que tangivelmente esteve em um ciclo de enfraquecimento, decorrente do imediatismo e a insuficiência política da época.

Colocamo-nos no tempo, o presente posicionado entre o passado, é como a gente se constitui. Sem o passado, não teria esquemas através das quais nos direcionar, quando o presente se predispõe vagarosamente em frente, desse modo pairaríamos nas nossas ânsias e continuaríamos na dúvida. Se pusermos a ênfase da nossa concentração sobre determinados feitos, como analisadores não imparciais e desatentos, enxergaremos que muitos episódios em desenvolvimento quase sempre possui vínculo com eventos anteriores.

Existiram erros organizacionais que elaboraram algumas deturpações no entreposto que a transformava incapaz, tanto para o desenvolvimento econômico como para o enfrentamento à inflação, os dois esperados e acossados a começar de Juscelino Kubitschek. Devemos apresentar prováveis elementos os quais demonstram que as exportações do Brasil diminuiriam como, por exemplo, a falta de desfrute da possibilidade de exportação pelo receio de acontecer a ausência da produção no mercado brasileiro e, dessa forma, ter um crescimento

na inflação. A partir de algumas leituras, incluindo (VILLELA 2007, p. 77), é possível notar que “a presidência de Humberto de Alencar Castelo Branco deu-se um primordial momento a busca de consolidação da inflação, sem muitas inquietações com relação ao aumento econômico, acontecimento único em propostas passadas”, que procuravam simultaneamente ao embate, ao crescimento exagerado econômico desde os anos iniciais do estabelecimento das políticas que eram tidas como indispensáveis, portanto, ele evidencia um posicionamento de ajustamento da economia, e não a procura do aumento:

A economia do Brasil experimentou, após o período recessivo que caracterizou o governo Castello Branco, experimentaria uma nova fase de acentuado desenvolvimento industrial. Em verdade, este surto de crescimento beneficiava apenas os 5% mais ricos, que, em 1960, auferiam 27,3% da renda nacional e, agora, em 1970, haviam chegado a 36%. Nesse quadro de crise, em que o salário mínimo real foi mantido no nível de 1967, as classes médias emergentes beneficiaram-se de aumentos salariais, pois melhorou a remuneração de técnicos e profissionais de nível superior, começando-se a usufruir então de um mercado de consumo mais sofisticados. (LOPEZ; MOTA, 2008, p. 834).

Nesse sentido, podemos então pensar que no mencionado milagre econômico ocorreu às satisfatórias situações do mercado internacional, possibilitando o desenvolvimento da economia nacional, segundo os autores Lopez e Mota (2008, p. 815) “uma taxa de 8,8% em 1970, saltando para 14% em 1973”. O tal milagre se era decorria ao acúmulo de bens e riquezas nas mãos de menos da metade da população, ou seja, determinado avanço adquirido pela economia brasileira, com índices acima de 10% ao ano, entre 1968 a 1973, quando tudo aparentava acometer para o estancamento econômico. Entretanto, embora houvesse todo o avanço, a renda permaneceu centralizada.

Essa é uma relevante abordagem já que é preciso compreender os fatores políticos que delinearam singularidades do processo de construção da economia nacional, no contexto da ditadura civil-militar. No Plano de Ação Econômica Governamental (PAEG), foi inserida a retificação monetária, com o propósito de reparar a inflação, e recém-adquiridas normas cambiais, tributárias e salariais. O ressarcimento do progresso na economia brasileira na época do regime civil-militar só foi acontecer no decorrer de 1968 e que chegou até o ano de 1973. Contudo, por motivo das dificuldades nas conjunturas, tanto no seu interior como no externo. Internamente, a organização produtiva desestabilizou-se, já na estrutura externa, a elevação dos valores do petróleo, as tensões inflacionárias e a inconstância cambial requereram renovações nos acordos econômicos.

Perante esse contexto no fim da década de 1970, os problemas adquiridos da conjuntura internacional permaneceram e a recuada dos anos de 1980, advindos da queda das aplicações, acarretaram sérias dificuldades na economia da época. Houve uma estagnação da produção, a inflação começou a escapar do domínio, os juros internacionais cresceram, os empréstimos reduziram, o débito externo passou por reveses intensos, o que determinou o desfecho de um exemplar de crescimento e avanço que necessitava passar por reorganizações. Na análise de Carneiro (1990, p. 297), “o fim do milagre econômico encerraria também um ciclo festivo de exercício de poder sem limites e sem prestação de contas, sem oposição, sem incômodos da livre imprensa e sem compromissos políticos”.

Ao longo dessa ditadura aconteceram punições, violências, proibições, dentre várias outras formas de controle. Contudo, as análises acerca do regime militar no Brasil, trazem consigo construções ante superstições e falsos imaginários que, até agora, confundem a compreensão e o entendimento concreto em relação a essa época ainda bastante enigmática da história do Brasil. Como, por exemplo, a participação de boa parte da população que não aceitava o posicionamento desse regime, inclusive se indispondo e fazendo movimentos nas ruas. A figura 01 mostra o Comício ocorrido no dia 13 de março de 1964, na Central do Brasil, na qual reuniu 300 mil pessoas, assim como nos mostra a organização do governo militar teve como base afastar e censurar opiniões dos movimentos esquerdistas, bem como o que fosse classificado como duvidoso e divergente da ordem:

IMAGEM 1 - Comício ocorrido no dia 13 de março de 1964, na Central do Brasil-RJ.



Fonte: Site Memorial da Democracia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/>

Nessa imagem é possível ver que o Exército faz a escolta no Comício da Central, que ocorreu em âmbito de intensa tensão política. Esse avanço opressivo, ocasionado pelo recente regime político instaurado em 1964, ocasionou um verdadeiro rojão na perspectiva de exterminar as pessoas que, a partir das ideais dos militares, eram comunistas, ou perpetuavam tais pensamentos em meio a população. Além do mais, exerciam ações que monitoravam o movimento estudantil, mostrando o quanto as comunidades universitárias da época foram regularmente espionadas, até mesmo com serviços de investigação, de exemplo, a AESI (Assistência de Segurança e Informação). E nas fases mais complicadas aconteceram prisões de discentes, professores e funcionários públicos, várias vezes foram torturados ou até mesmo mortos, violência designada na maioria das vezes para os grupos da esquerda revolucionária.

Em sua etapa inicial, no decorrer do governo Castello Branco, a direção econômica apresentou, na preferência nítida e veemente observada ao enfrentamento à inflação, a sua característica diferenciada. “Na perspectiva do Plano de Ação Econômico do Governo, entre os anos de 1964 e 1966, a dificuldade econômica em que o Brasil se encontrava, expressada com rigidez nos anos de 1963 e 1964, possuía o seu suporte na inflação”, como nos demonstra a leitura de BASTIAN (2013, p. 154). Recuperar o avanço no percurso econômico significava a sujeição do retorno consistente do modo inflacionário, só dessa maneira um ajuntamento de indisposições encarregadas pela decadência do movimento econômico seriam extintos, refazendo-se as situações apropriadas ao discernimento amplo da potencialidade de desenvolvimento de uma economia de projeto autônomo. Como exemplifica Macarini (2000, p. 12):

O movimento imprimido à política econômica após a edição do AI-5 sugere que mesmo as autoridades econômicas não estavam plenamente seguras da solidez da recuperação: os fantasmas da longa crise 1963/67 ainda rondavam a imaginação, a percepção do “milagre” não tinha ocorrido ainda. Sim, porque ao mesmo tempo em que se supervalorizava um crescimento de seis a 7% ao ano, sem atrever-se a projetar nada mais ambicioso, propunha-se o abandono da opção de convivência com a inflação, numa clara indicação de que os resultados até então obtidos não eram avaliados tão positivamente.

A abordagem realizada nos ajuda a compreender alguns pontos relacionados a esses episódios históricos mencionados acima, estes foram nivelados durante longo tempo na escrita historiográfica. Para isso, o autor tenta retratar como sucedeu os traços comuns a situações e regimes políticos diversos, Osvaldo Coggiola (2001, p. 34), analisando respectivamente os golpes militares do Brasil, Peru, Bolívia, Chile e Argentina, “esses regimes militares sul-americanos resultaram em sequestros, mortes e exílios de milhões de

sujeitos”.

Ao longo de vinte anos, recusaram-se a aceitar a presença dessa atividade, retratada como abuso de transtornos, uma tese de vítimas e contrários. O estudo dos governos militares na América Latina, portanto, nos oferece a oportunidade de nos mostrar a realidade desse acontecimento aqui no Brasil, que deixou marcas, ressentimentos e memórias em todas essas sociedades, bem como a cautela e olhares sensíveis que se deve ter ao trabalhar com esse recorte.

1.2 O contexto brasileiro no decorrer dos anos de 1960: confrontos políticos, sociais e ideológicos

Ao longo dos anos de 1960, ocorreram três golpes militares de suma importância histórica para a América do Sul, repleta de tensões norte-americanas em contrapartida com os ideais comunistas. No Brasil, por exemplo, com a chegada dos militares ao poder em 1964, suas primeiras preocupações foram inibir qualquer possibilidade de resistência de frentes revolucionárias de esquerda na sociedade brasileira, assim como em todos os outros países sul-americanos havia uma necessidade do regime recém-instaurado em manter a repressão aos espaços tidos como foco de ideais comunistas. O período entre 1960 e 1980 marcaram acontecimentos mais obscuros da época dos regimes militares que lideraram as nações da América do Sul, carregadas de atos de violência, assassinatos, sequestros e enredos políticos. Como evidencia Coggiola (2001, p. 68):

A ação criminosa dos exércitos e das polícias do Cone Sul incluíram, à rotina atroz das desapareições, as torturas, os voos da morte (em que os prisioneiros políticos eram jogados sobre o Rio Prata ou sobre o oceano, de grandes alturas e ainda vivos), e roubos de propriedades dos sequestrados, assim como alguns crimes notáveis, como o atentado quase mortal contra o ex-ministro chileno Bernardo Leighton.

Dentro desse contexto, a América Latina era percebida como um cenário fértil para as vantagens mais comuns dos Estados Unidos, o cuidado fundamental estava em se opor a sucessiva excitação social inserida em uma série variada de aspirações reformistas e/ou revolucionárias. Estabelece assim, uma área peculiar do empenho de regimes econômicos retardados e a discordância de seus vínculos econômicos com as grandes forças, retratadas em uma enorme concentração social e de projetos políticos incluindo caráter populista e nacionalista na qual contestavam o retardamento e a submissão e disponibilizaram direções na

busca do progresso social e econômico. Osvaldo Coggiola (2001, p. 13) enfatiza os interesses dos EUA:

Não fica difícil associar a queda do governo Goulart à intervenção política dos norte-americanos. Durante os períodos de preparação e imediatamente posterior a efetivação do golpe foi intensa a atuação da embaixada norte-americana no combate político e ao governo constitucional. O embaixador Lincoln Gordon era assíduo frequentador do palácio presidencial. Sugeriu nomes para compor os ministérios, censurava as escolhas de “esquerdistas” para as assessorias do presidente, criticava abertamente projetos e iniciativas governamentais.

A citação acima relata os entusiasmos nacionais e políticos estadunidenses, do mesmo modo podemos encontrar uma essência frequente nos acontecimentos explícitos que a diplomacia e a perspicácia norte-americanas tiveram nas ações que resultaram nas tomadas de poder na América Latina. No caso do Brasil, instituições políticas e sindicais de direita que foram contrários à política de João Goulart foram generosamente contempladas com recursos financeiros do governo norte-americano. Isto é, interesses que possibilitou a derrubada de João Goulart e demoliu a presidência de Arturo Illia, Salvador Allende e Juan José Torres. Sendo assim, alcançaram a instauração de uma vasta discordância de ponto de vista no interior do núcleo político, além de induzir os militares e empreende-los a usurparem o poder.

Relevantes setores civis desses países apoiaram os golpes, sobretudo os segmentos da comunidade universitária, como eram poucos os professores que simpatizavam às esquerdas, muitos intelectuais de grandes centros universitários trabalhavam com o governo para sanear as ideias comunistas das instituições de ensino superior. A principal forma de expurgo de professores e alunos das instituições foi a substituição de reitores que resistiram às reformas acadêmicas por outros gestores condizentes com as posturas do governo. Coggiola (2001, 2001, p. 18) nos oferece em seu estudo uma análise sobre o viés político, religioso e ideológico, âmbitos educacionais:

A ditadura encarregou-se de dissipar toda ilusão. Começou por tirar a autonomia das universidades, reprimindo violentamente toda e qualquer oposição (em 7 de setembro de 1966 foi morto numa manifestação de rua em Córdoba o estudante Santiago Pampillón). A “depuração” da educação pública fez a Igreja penetrar em todos os setores do aparelho educacional.

A citação acima nos mostra como cada vez mais os militares precisavam legitimar seu governo diante a sociedade, cunhados de interesses, buscaram se alinharem às demandas de outros grupos. Contudo, as medidas repressivas não foram as únicas formas de alinhamento

entre o Estado e as universidades, em alguns momentos foram desencadeadas ações conciliadoras com outros agentes, para isso, o projeto modernizante das universidades foi uma proposta para tentar acomodar os descontentes com o governo, sejam movimentos estudantis ou intelectuais.

Na tentativa de justificar um amplo desenvolvimento no âmbito do estudo da narrativa histórica nos recentes anos, muitos livros passaram a ser publicados e pequenos números procuraram refazer o cenário mais envolvente e curioso conforme a concepção memorável e historiográfica do período marcado pela Ditadura Militar de 1964. Podemos perceber diversas predisposições historiográficas atuais, até então em andamento de sustentação na questão mais extensa, mas de tal maneira, não deve fugir ao discurso acadêmico. Em justificativa de um amplo desenvolvimento no âmbito do estudo da narrativa histórica nos recentes anos, muitos livros passaram a ser publicados e pequenos números procuraram refazer o cenário mais envolvente e curioso conforme a concepção memorável e historiográfica do período marcado pela Ditadura Militar de 1964. Podemos perceber diversas predisposições historiográficas atuais, até então em andamento de sustentação na questão mais extensa, mas de tal maneira, não deve fugir ao discurso acadêmico.

Outra importante análise sobre os governos militares entre 1960 e 1980, é em relação à Operação Condor. A união entre países, nessa circunstância o do Cone Sul que, com ajuda logística e financeira dos Estados Unidos, constrangeram, torturaram, violentaram e assassinaram aspirantes dos movimentos de esquerda, que eram opositores dos sistemas militares desses países e, isto é, uma função fundamental para narrar à história em geral. Não somente para desvelar a afiliação partidária entre essas nações, contudo o modo como a detenção de propósitos, de exemplo, a da tortura pelos membros do Estado, foram norteados pelo governo americano. Sobre a Operação Condor, Coggiola (2001, p. 70) esclarece:

A justificativa ideológica e política dessa aliança repressiva internacional foram à luta “contra a subversão, o terrorismo e o comunismo”. Sua magnitude e métodos transbordaram totalmente as supostas necessidades de um enfrentamento contra as organizações de guerrilha urbana existentes que, na segunda metade da década de 1970, quando extinguiu-se o clímax da repressão, já estavam marginalizadas e semidestruídas.

Nesse sentido, a ditadura é representada como característica relacionada à tortura, Osvaldo Coggiola parece ter o objetivo de incriminar, através de suas narrativas a presença da hostilidade, mesmo que somente em ligeiras alusões verbais. Apresentando o Brasil no cenário sócio-histórico internacional e, além disso, projetando um curto eixo de luz à sombria

Operação Condor, junção determinada entre os regimes ditatoriais do Cone Sul com o objetivo de impedir qualquer ação política de oposição no continente. Como enfatiza uma fonte iconográfica retirada do site *Memorial da Democracia*, onde mostra na figura 02: embaixador Lincoln Gordon, em 1963, em uma palestra na Escola Superior de Guerra para generais brasileiros:

IMAGEM 2 - Embaixador Lincoln Gordon, em 1963, em uma palestra na Escola Superior de Guerra para generais brasileiros.



Fonte: Site Memorial da Democracia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br>

Portanto, é possível concluir que os perigos reais e mais urgentes aos benefícios dos EUA na América Latina, econômicos, diplomáticos e militares, surgem do descontentamento interno, da fragilidade política, produto de problemas sociais que se apresentam recentemente no lugar, e das possibilidades que essas situações concedem para ser analisadas por fundamentos comunistas e de outra natureza diferente, desfavoráveis aos Estados Unidos. Não somente no Brasil e sim em todos os países sul-americanos, os militares mantiveram a autoridade ao longo de vinte anos, realçando uma política externa que varia do posicionamento automático aos EUA, principalmente nos anos iniciais da conjuntura militar, até a refutação da supremacia estadunidense na América Latina. O objetivo essencial, de modificar esses países em grandes potências, que se preservou no decorrer de quase todo o

período e, com o atravessar do tempo, reconheceu uma gradativa fração da realidade.

1.3 Repressão política no Piauí: conflitos, prisões e torturas contra a ameaça vermelha

Na América Latina o primeiro país a afligir-se pela interferência do regime militar foi o Brasil, no ano de 1964, iniciando o que se repercutiu simbolicamente no território, o aumento de derrubadas à democracia com o auxílio estadunidense. O Brasil foi militarizado com o juramento de normalizar a economia, executando um plano de crescimento econômico no modelo capitalista e propiciar a harmonia da pátria, abalada pelos “adversários internos”, assim considerados aqueles que tomavam posição com ideias opostas à adotada pelo regime militar. Segundo Nilson Borges (2003, p. 21), “para controlar o que se disseminou como perigo a Doutrina de Segurança Nacional foi instalada, e essa se refletiu na violência de Estado.” No decorrer dos 21 anos na qual o país viveu à sombra do regime ditatorial a coibição não alcançou somente sujeitos discordantes a autoridade administrativa, mas igualmente teve uma paralisação nas instituições de ensino.

Os transgressores eram denominados para mais adiante de fazer componente de instituições guerrilheiras, a finalidade era refrear a disseminação de ideologias ajustadas com ideias progressistas no país. Desse modo, quem de alguma maneira poderia ser produtor de posição e não mantivesse em concordância com o exigido pela ditadura, se transforma em mira de violência. Como exemplifica Penna Filho (2009, p. 43),

o aparelho repressório colabora ainda com uma extensa conjuntura coercitiva de dados e informes, os núcleos de avisos dos poderes armados, o Centro de Informações do Exterior (o Ciex, Exército), o Centro de Informações da Marinha (Cenimar) e o Centro de Informações da Aeronáutica (Cisa), assim como o SNI, o Serviço Nacional de Informações.

Foi, especificamente, nessa época que as disposições de esquerda foram desorganizadas, por intermédio do cárcere, deportação, sumiços, sequestros e mortes de seus grandes dirigentes. Conforme considera Sabrina Steinke (2017, p. 4):

O governador do Piauí em 1 de abril de 1964 era Petrônio Portela, inicialmente Petrônio posicionou-se contra o golpe civil-militar e defendeu o mandato de João Goulart, porém mudou de posicionamento em seguida. Publicamente fez defesa ao governo de Jango, o que lhe custou problemas políticos, então defendeu-se afirmando ter feito uma proclamação em favor da legalidade. No relatório da Comissão Nacional da Verdade constam três locais, no Piauí, de graves violações aos direitos humanos, entre 1964 e

1985, são eles: 25º Batalhão de Caçadores, DOPS e Penitenciária Estadual do Piauí, todos localizados na capital Teresina. E na listagem de mortos/desaparecidos consta um cidadão piauiense, Antônio de Pádua Costa conhecido como Piauí e figura emblemática na resistência à ditadura. Buscar em outros acervos registros sobre o período ditatorial no Piauí e de cidadãos piauienses, é salutar para ampliar o desvelamento de processos históricos traumáticos do nosso passado recente, e atender as recomendações da Comissão Nacional da Verdade.

A Ditadura Militar foi um regime político, que perdurou durante 21 anos (1964-1985), e acarretou imensos resultados políticos negativos, assim como nos âmbitos econômicos e sociais, sobretudo, no que tange a respeito da democracia e das suas atribuições. Significativamente ocorreu em todas as regiões do Brasil e de modos diferentes. No Piauí, apesar de vários sujeitos pensem contrariamente, aconteceu sim um amplo embate e intervenção do regime militar nos diversos cenários do Estado. Ao longo dessa ditadura aconteceram punições, violências, proibições, dentre várias outras formas de controle. Contudo, as análises acerca do regime militar no Brasil, trazem consigo construções ante superstições e falsos imaginários que, até agora, confundem a compreensão e o entendimento concreto em relação a essa época ainda bastante enigmática da história do Brasil.

Ao adentrarmos na história piauiense, compreendemos que ainda existe uma produção escassa em relação ao regime ditatorial no Piauí, e vários pensam que aqui a ditadura ocorreu de modo pacífica. No Piauí, apesar de muitos acreditarem o oposto, teve a intervenção militar no campo social e político. O DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), “surgido no ano 1924, foi a entidade da autoridade brasileira, usada essencialmente ao longo do Estado Novo e mais adiante reformulado na Ditadura Militar de 1964” (ZAPARTE, 2011, p. 15), na qual a finalidade era conter e repreender grupos políticos e sociais opositores ao poderio militar. O Departamento de Ordem Política e Social executava a missão de recurso policial, e findou uma série de registros escritos como, por exemplo, correspondências, relatórios, e obras que presentemente atuam como base para trabalhos históricos e procura de ordens judiciais. Há portfólios que indicam acerca da presença, no período, de escolhas sindicais, paralisações, partidos políticos, participações públicas e outros eventos que eram descritos e observados de maneira contígua pelo DOPS. Sobre isso Ricardo Arraes Filho (2012, p. 3) esclarece:

Nomes como o de Benoni Alencar, Osvaldo Rocha (vulgo César Moraes Ferreira) – cognome usado pelo mesmo para transitar sem reconhecimento no país -, Antônio José Medeiros, Evandro Setúbal, Samuel Farias Filho, João Rodrigues, Manoel Ventura entre outros, aparecem no relatório feito

por Astrogildo Sampaio, então delegado do DOPS em Teresina em 1969. O relatório contém informações como nome, sobrenome, profissão e por quais motivos estas pessoas estavam sendo indiciadas. Em sua maioria, foram indiciados por ter algum tipo de ação subversiva, ser envolvido com comunismo, grupos da Ação Popular, movimento estudantil, e outras atividades que desagradassem o regime vigente. Objetos, materiais de propaganda subversiva, listas de pessoas dadas como simpatizantes do movimento, senhas e códigos encontrados com os indiciados no momento de suas prisões, eram motivações suficientes para se concretizarem as suspeitas dos agentes do DOPS e serem considerados culpados.

Aconteceram atividades ligadas ao anticomunismo, depois do golpe civil-militar do ano de 1964 no Piauí. Com o fortalecimento do contexto militar que terminara de se instituir naquele território, parte expressiva da sociedade, relacionada à administração militar, sucedeu um conjunto de atos em oposição aos comunistas, e igualmente contrários a sujeitos, que apesar de não serem tidos como comunistas, eram vistos e categorizados como tais. As pesquisas a respeito do golpe e a participação das esquerdas no âmbito piauiense ainda possui extensa direção a ser explorada, já que são incomuns as pesquisas que discutem a ação dos partidos de esquerda. Se, de um modo, em resultado da ausência de trabalhos mais profundos, o desenvolvimento político dos esquerdistas ainda é minimamente divulgado no Piauí, de outra forma, detemos algumas abordagens acerca dos grupos conservadores e anticomunistas na mesma década, que se têm de, em larga escala, ao imenso aparato documental relacionado à produção de jornais e da memória, que colaboraram com os estudos sobre alguns fragmentos sociais na qual consentiram com o golpe de 1964.

Um relevante mecanismo que colaborou para esse ponto de vista do social foi a Igreja Católica, acentuada fornecedora de reprodução e hábitos anticomunistas no decorrer dos anos finais de 1950 e iniciais dos anos de 1960. No que concerne aos métodos discursivos, um significativo recurso foi o jornal impresso *O Dominical*, elemento fundamental da Igreja Católica no Piauí. Oliveira (2008, p. 136), faz algumas considerações sobre o assunto:

Após o golpe civil-militar de 1964, foi organizada em Teresina, por um grupo de senhoras católicas, uma missa em Ação de Graças, pela "vitória da democracia sobre o comunismo ateu", celebrada pelo Arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela. No entanto, uma das maiores manifestações de cunho religioso e anticomunista foi a Marcha da Família com Deus e pela Liberdade. Apesar de não ter sido organizada oficialmente pela Igreja Católica no Piauí, o evento teve expressivo caráter religioso, por ter como intuito aglutinar o maior número possível de indivíduos no combate ao "comunismo ateu".

Uma parcela da ordenação da Igreja Católica deu suporte ao Golpe. Esse fato, desde os

anos iniciais do século XX, concebeu a Igreja Católica, no país, a afundar-se em debates econômicos, sociais e políticos, dispondo em avaliação as populações dos núcleos urbanos. Naquele instante, deu-se abertura ao público um confronto entre a concepção católica tradicional e a fé na função modificadora da Igreja e dos princípios cristãos. Passando então, a sistematizar as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, que foram largamente informadas e obtiveram amplo embate simultaneamente com a Campanha Anticomunista, representando a coparticipação da grande parcela da igreja com a organização política que se constituía. Na figura 03 é exibida a Plataforma da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em São Paulo, no dia 29 de março de 1964:

IMAGEM 3 - Plataforma da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em São Paulo, no dia 29 de março de 1964.



Fonte: Site Memorial da Democracia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br>

Com a acessibilidade dos patrimônios secretos sobre a ditadura militar (1964-1985) nos anos recentes, aconteceu uma mudança na percepção historiográfica, no que diz respeito à memória e a resistência. Por essa razão, pesquisas e estudos focaram nos militares, assim como todos os outros que cooperaram com o regime correspondem ao objeto principal da análise. Um dos colaboradores foi Daniel Aarão Reis Filho (1997), com sua pesquisa voltada para a rememoração social sobre a ditadura militar brasileira, um estudioso que analisa o momento com o requisito de personagem, uma vez que, além de historiador é ex-combatente.

Em suas reformulações sobre a história de 1964, o golpe, até aquele momento, logo passa a ser sustentado como golpe civil-militar, propagando assim o engajamento da população no lado armado e, portanto, considerando o valor relativo a esfera de resistência como maneira para se compreender o regime na sociedade brasileira daquela época. Reis em quantidade causa polêmica ao avaliar uma definida memória que, de acordo com ele, procura a aquietação de outrora. Na qual é enunciado que o triunfo da tomada de poder civil-militar foi um experimento lastimável e desintegrado, estabelecendo a importância de reconsiderar métodos e convicções à respeito do Brasil e o ponto de vista sobre o regime militar de 1964.

Os pequenos e grandes municípios afloraram nas décadas de 1960-1970 como ambientes beneficiados de aquisição e convívio com algumas mudanças. Igualmente, o Piauí foi o cenário em que se vivenciou as dificuldades entre conflitos políticos e ideológicos. Como exemplifica Carvalho, (2006, p. 34):

No Piauí, em 1963, houve uma crise na Polícia Militar. Foram querelas que vinham se prolongando há longo tempo, chegando no seu ponto nevrálgico quando os oficiais, subtenentes, sargentos, cabos e soldados da Polícia Militar, depois de enviarem um memorando ao Governador Petrônio Portela reivindicando aumento salarial, receberam a declaração, do então governador, que não poderia dar aumento naquele momento, e, quando o fosse fazê-lo, deveria estendê-lo aos civis. Indignados, os policiais militares mantiveram uma posição irredutível, instalando-se, acompanhados de familiares, no próprio quartel. Na tentativa de contornar a situação, o governador solicitou a intervenção da Força Federal que logo ao ser mobilizada em Teresina cercou o quartel e ordenou o fim da rebelião.

Por motivação desses confrontos, o Arcebispo Dom Avelar procurou interferir nos acordos, porém a sua ligação juntamente com a do Padre Carvalho no acontecimento concebeu um conjunto de problemas entre Dom Avelar e o governador do Estado, que denunciou a Igreja Católica, de coparticipação com o movimento de esquerda, quando Dom Avelar ofertou comidas que deveriam ser transportadas para os militares prisioneiros. Contudo, entre os clérigos e o governo regional, até o momento, os vínculos se agravaram, sobretudo quando, no início de abril, a mando do regime militar aprisionaram as fundamentais influências sindicais do sindicato rural do Piauí, guiadas pela Igreja, perante a dúvida de desordem, bem como impediram a libertação do Padre Carvalho, impedindo-o da execução dos seus trabalhos eclesiais.

Com o poder nas mãos dos militares, aumentou-se o obstáculo de fragmentação de considerações e comportamentos no interior da Igreja Católica, bem como no das forças armadas, o que concebeu o aprimoramento do dispositivo coercitivo. No Estado do Piauí, a

série de opressão se perdurou mais à frente dos sindicalistas rurais, alcançando deputados e sujeitos de atitudes duvidosas pelos militares de encadearem o movimento e o partido Comunista. Cabe então esclarecer algumas considerações vinculadas ao significado do anticomunismo no Piauí, na qual este se delineia em contrariedade com o comunismo, contudo, apesar da similitude com uma premissa, essa declaração não deve ser compreendida como alguma coisa simplória, visto que os fundamentos que, metodologicamente, idealizaram o pensamento comunista foram se transformando a partir das conjunturas históricas. Segundo Oliveira (2008, p. 35):

Partindo dessas noções expostas e para entendermos como os anticomunistas deram a sua significação ao comunismo, devemos pensar na multiplicidade do ser anticomunista. Cada país possuía seus grupos, ou mesmo apenas indivíduos, que lutavam contra o comunismo de formas diferenciadas, cada um levando em consideração as especificidades locais. É por demais complexo apresentar uma única definição ao anticomunismo, pois, como podemos perceber anteriormente, até mesmo grupos de ideologias diferenciadas, faziam ou fazem oposição ao comunismo. Nesse sentido, o anticomunismo pode ser percebido como “um fenômeno complexo, ideológico e político ao mesmo tempo, explicável.

A partir dessa citação é possível entender que muitas abordagens definiram um ponto de vista em relação ao anticomunismo. O anticomunismo no Piauí, o espaço de ebulição de recentes posicionamentos políticos, essencialmente no começo dos anos de 1960. Os estudantes piauienses já possuíam como desprezível o expansionismo estadunidense, e as exigências brasileiras ecoavam das vozes dos jovens. Como é visto em muitas publicações mostradas nos jornais piauienses, no período que abarca os idos de 1967 a 1969, que ressaltavam o comunismo como extremista. A noção de expressar o comunismo como força repressiva, consegue mais intensidade nesse instante, há um intuito de colocar qualquer atitude não indicada pela polícia como decorrente do comunismo, tidas como condutas influenciadas pelo terrorismo.

Com a chegada dos militares ao poder em 1964, suas primeiras preocupações foram inibir qualquer possibilidade de resistência de frentes revolucionárias de esquerda na sociedade brasileira, para isso, foi-se necessária para o Regime recém-instaurado a repressão aos espaços tidos como focos de ideias comunistas. Após a extinção de muitas organizações sindicais pelo país, as universidades foram alvos prioritários dessas políticas, logo, a exemplos mundiais, as universidades “desde o fim dos anos 50 haviam se tornado lugares propícios à propagação dos valores de esquerda” (MOTTA, 2014, p. 13). A organização

opressiva estabelecida em 1964 teve interferência de heranças profundas enraizadas e de fundamentos que são concebidas como elemento da política do país. E a que ponto esse aspecto político contribui para esclarecer o aspecto do governo quis tornar o Brasil mais moderno durante o regime militar, os objetivos de suas práticas tentaram legitimar a utilização da rigidez, da violência.

1.4 A cidade de Picos em 1970: a chegada do 3º Batalhão de Engenharia de Construção

É nesse contexto que, significativamente, a conjuntura central da cidade de Picos ultrapassou nos anos de 1970 por modificações simbólicas, na qual houve até mesmo a mudança na movimentação, com a vinda de vários sujeitos de regiões vizinhas na cidade, como as que chegaram juntamente com o 3º BEC, como também transformação nas bases de sua organização. Buscando assim, compreender o avanço culminado em Picos, igualmente entender as mazelas conduzidas por esse resultado como, por exemplo, a pavimentação das estradas e o afastamento dos habitantes, com o intuito de procurar um novo lugar para residir, já que morar no centro da cidade era quase impossível devido ao alto custo de vida.

Na sociedade de modo integral, os princípios de continuidade e de modificação permanecem respectivamente em uma inquietação incessante de efeitos e que, várias vezes se respaldem, gerando fundamentos atuais, híbridos. Na comunidade militar do exército brasileiro esse modelo não é desigual. Entretanto, trazendo-se em raciocínio que o caráter da sociedade militar se porta habitualmente conservadora, nela as transformações são tidas com uma certa postura de incerteza, forjando com que elas delonguem mais a se adentrar no dia a dia social fardado. No instante atual, deve ser analisado que, em grande parcela, o que sobrepujam no desenvolvimento de socialização, são as justificativas de subsequência. Contudo, as transformações que estão acontecendo apresentam-se tão súbitas e, até precisa posição, tão radicais, e com obtenção tão imensas na socialização militar, que me propus a dar predileção por questionar as mudanças.

Inúmeros motivos colaboraram para a mudança na cidade de Picos/PI, incontestemente um dos mais importantes devemos mencionar que ocorreu na década de 1970, com a chegada do 3º Batalhão de Engenharia de Construção (3º BEC), desmembrado de Natal/RN. O surgimento do 3º BEC transfigurou consideravelmente a cidade, trazendo consigo os militares e muitos trabalhadores que se estabilizaram em Picos, igualmente estabeleceram suas moradias e depositaram parcela de suas gerações. Como esclarece o autor Moura (2014, p. 2):

Durante o início da década de 1970, a cidade de Picos figurou nos debates nacionais, por ser considerada uma parte importante da Rodovia Transamazônica: o seu “marco zero”. E por conta disso, foi inserida no Programa de Integração Nacional (PIN), que objetivava a integração das regiões Norte e Nordeste com o restante do país. De acordo com o governo brasileiro, a cidade precisava do 3º BEC para empreender a construção da Transamazônica no Piauí e no Maranhão, além de outras estradas, como a que ligava Picos a capital do estado, Teresina.

O advento do 3º Batalhão de Engenharia de Construção (3º BEC) ocasionou a construção de novos agrupamentos na cidade, nessa ocasião não somente na parte central ou em suas imediações, essa eventualidade foi muito expressiva, já que com isso recentes territórios passaram a povoados em Picos, deixando de lado a centralidade efetuada anteriormente pela região. Sucederam várias modificações urbanas na cidade, bem como em áreas vizinhas como, por exemplo, Bocaina/PI que foi contemplada com a obra da barragem sobre o Vale do Guaribas, que perduraram entre os anos de 1970-1984, motivadas pelas constantes cheias e alagamentos dos rios. Podemos então dizer que o intuito do levantamento dessa barragem esteve voltada para a regulação do Rio Guaribas, uso hidroagrícola, fornecimento da cidade e do campo ao redor e, controle da alagação do rio Guaribas para impedir os frequentes danos, causados pelas cheias, do plantio e da colheita de legumes que eram de suma importância para o município como, por exemplo, o alho e a cebola.

Ante essa discussão, é preciso construir em mim a noção da própria situação no cenário social. Afinal de contas, eu iria explorar uma organização da qual a dinâmica posta tenho muito afinco, então necessitaria de um certo afastamento para elaborar um estudo de assunto concretamente científico. A convicção de meus enaltecimentos e de minhas opiniões tem sido o primordial elemento para monitorar possíveis subjetividades. A começar do momento em que eu me colocasse na proposta estrutural do meu propósito, como um sujeito referente ao evento e tivesse a compreensão de que o caminho e o impulso do meu presente social, se não promovem a intenção de me deslocar por inteiro, me instigam de algum modo. Em conclusão, Bourdieu (2005, p. 134) esclarece:

A posição, o lugar que o pesquisador ocupa no mundo social, ou seja, suas condições sociais, produzem efeitos sobremodo relevantes nas tomadas de posição científicas. A escolha dos objetos, dos pressupostos teóricos e das abordagens, tudo isso acaba sendo, em parte, resultado de influências das condições sociais de produção da pesquisa.

Dentro dessa perspectiva, ponho-me em uma condição de sujeito com interesse na conjuntura que considero como objetivo de análise, me esforçando ao máximo em alhear-me

dele, em virtude da lealdade do trabalho. Apresento-me igualmente como pessoa engajada em uma recente conjuntura de relevantes transformações e colocado, nitidamente, em um esquema histórico de extensa duração. Nessa perspectiva, a abordagem dos contatos sociais nos espaços produzidos expressa uma oportunidade de compreender como se organizam até mesmo as divergências sócio-espaciais, consolidadas nos vários modos de utilizar habitualmente os espaços. A partir da chegada do 3º Batalhão do Exército Brasileiro é possível compreender como se deu os processos de apropriação das imediações, das singularidades, dos novos modos de diversão, criando rugosidades sobre as utopias lisas da cidade picoense. Nas palavras de Certeau (2012, p. 194-195):

As velhas pedras renovadas se tornam lugares de trânsito entre os fantasmas do passado e os imperativos do presente. São passagens sobre múltiplas fronteiras que separam as épocas, os grupos e as práticas. À maneira das praças públicas para onde afluem diferentes ruas, as construções restauradas constituem, de forma histórica e não mais geográfica, permutadores entre memórias estranhas (...) o certo é que as construções, já libertam a cidade de sua prisão numa univocidade antiga. Mantêm aí (...) heterodoxias do passado. Salvaguardam um essencial da cidade, sua multiplicidade.

Dessa maneira, o esforço e a integração do espaço denotado por relações de poder, nessa ocasião, construído por um extenso conjunto de recentes inovações e sentidos conferidos aos seus praticantes, não deixando de reconhecer que, apesar disso, as mudanças sociais e políticas dispuseram um amplo incentivo da subjetividade e da construção de desejos. Uma análise que muito colabora para a elaboração desse trabalho, já que enfatiza como as cidades são territórios das vivências humanas, e a partir dos seus documentos e de sua escrita ela concretiza sua história, o próprio espaço citadino é possível de narrar parcela de sua história.

A afeição por essa proposta de análise ocorreu da inquietude em perceber os elementos sociais, políticos e dos pensamentos que determinaram a história nacional e, sobretudo, a história do Piauí no período do avanço dos militares, no ano de 1964. Enfatiza-se que a delimitação temporal do trabalho se argumenta em razão de esses anos terem sido assinalados por amplas mudanças piauienses, assim como na picoense. Nesse avanço de urbanização das cidades que surge uma imensidão de planejamentos de intervenção por meio do 3º BEC no espaço urbano, propostas que possuíam a finalidade de urbanizar e confirmar uma característica moderna, de legitimar o presente e pressupor as exigências posteriores. O desenho das ruas, a construção de novos bairros, recentes métodos edificadores avançados

eram tidos como perspectivas essenciais para representar panoramicamente a modernidade que se estava exposto nas cidades.

Com a tentativa de alcançar os intuitos desejados, a intenção foi reter documentos: as matérias jornalísticas e informações dentro do BEC, entre outros. Nas linhas dessa pesquisa, discute-se lugar, tempo e de âmbitos vivenciados, envolvido por sujeitos sociais. Os anos de militante, estudante, do educador, do preso, do deportado, do arrasado, atrelados a um espaço e lugar, que se combinam e se juntam. Analisando assim, como o movimento urbano que desenvolveu com dificuldades coletivas a outras cidades da região, demonstrou aspectos peculiares em decorrência de suas características sócio-espaciais, contendo nesse ponto de vista, a separação e a divisão urbana.

2 A CONJUNTURA PICOENSE NO DECORRER DOS ANOS DE 1970

2.1 A implantação do 3º BEC no município e suas atividades urbanas e sociais

O avanço de ampliação e estruturamento urbano das cidades do Piauí é um seguimento constante e gradativo. Embora, o arranjo dos espaços urbanos seja concebido como parcela complementar do método de sociabilidade e do procedimento histórico que reúnem os vínculos dos mais variados modelos, e esses pontos ebulem em momentos de inquietação política, como ocorreu nos anos do regime militar. Algumas cidades do Piauí participaram do avanço de modernização ocorrido no seu espaço nas décadas de 1960 e 1970, um planejamento que não esquivou da referência usada no decorrer da República.

Buscaremos aqui destacar algumas transformações que ocorreram em Picos ao longo da segunda metade do século XX. Para entender esse contexto, foi necessário contar com a ajuda de algumas monografias sobre a região, algumas fotografias do acervo do 3º BEC e manchetes do jornal Macambira, encontrado no Museu Ozildo Albano, o que possibilitou compreender os vários discursos da imprensa que estavam sendo frequentes acerca das modificações físicas e o dia a dia da cidade. Por isso, sugerimos enfatizar uma análise sobre o contexto dos anos setenta, por ser um período de consideráveis mudanças no Piauí e por conseguinte a cidade de Picos. A historiadora Mara Carvalho faz algumas considerações sobre o desenvolvimento dessa época:

Entre as principais obras que ela sediou na década de 70 estão o terminal de petróleo, o estádio de futebol Albertão, o Zoobotânico, a Universidade Federal do Piauí, a maternidade Evangelina Rosa, o Hotel do Piauí, a construção dos prédios da Central Elétrica do Piauí S/A (CEPISA) e do Palácio do Tribunal de Justiça, além da reforma das principais praças do centro da cidade – Praça Pedro II, Praça Rio Branco e Praça da Bandeira – lugares privilegiados dos eventos sociais e do convívio cotidiano da maioria dos habitantes teresinenses. Por isso, considerados fundamentais nas reformas de então, como destaca o Jornal O Dia, de 2 e 3 de janeiro de 1972, ao mencionar que essas obras integravam um “convênio para embelezamento da cidade, com a reforma e ampliação de praças, de modo que seja dada uma feição mais condizente à cidade que cresce e que reclama todas essas necessidades. (FONTINELES, 2009, p. 12, *apud* CARVALHO, 2016, p. 52).

Picos participou desse avanço de modificação e urbanização, contou com a edificação e asfaltamento de estradas, bem como restaurações de praças públicas e ruas no decorrer dos anos de 1970, pelo governo estadual e federal. No meio das realizações de grande destaque

nessa época, que contribuiu consideravelmente com o desenvolvimento local como, por exemplo, a criação da Rodovia Transamazônica, igualmente a integração de um setor do Exército Brasileiro, o 3º Batalhão de Engenharia de Construção. Esses fatores relacionados a outros implementados na cidade ao longo do período estudado, colaboraram para o crescimento de Picos.

Certamente o contexto urbano do Piauí estava em formação e mudança. Muitos terrenos desocupados foram habitados, várias áreas foram reservadas para a construção de moradias. Já a cidade de Picos se desenvolvia e, juntamente com ela, crescia a quantidade de população, assim como algumas dificuldades estruturais. Os problemas foram vários, como as enchentes e os receios dos habitantes mais pobres por terem suas casas simples e frágeis, causando algumas destruições devido às chuvas. Entretanto, apesar dessas dificuldades a população picoense vivenciou um processo de modernização que se inclinou acerca da cidade nos anos de 1970. Alguns elementos que contribuíram para o crescimento dessa mesma cidade são mencionados por Carvalho (2016, p. 41-42) em sua pesquisa, especialmente o ramo comercial que expandiu a economia dessa região:

Vários fatores contribuíram para que o comércio se desenvolvesse de forma satisfatória, alguns já foram citados, mas pode ser destacado ainda como um fator favorável a Picos, no que se refere ao seu desenvolvimento comercial, o seu posicionamento, já que a cidade apresenta uma posição estratégica ficando na rota de passagem para várias regiões. O desenvolvimento comercial de Picos possibilitou a ampliação e melhoria do seu centro, ao longo dos anos, a proximidade entre a região central e algumas rodovias é muito grande, favorecendo grandemente o desenvolvimento dessa região.

É nessa conjuntura de modificações e aplicação de capital do governo nas esferas de infraestrutura e deslocamento que Picos começará se adentrar no cenário piauiense como uma das mais importantes cidades do Estado. Com o gradual e crescente crescimento adquirido, essa cidade se tornou essencial para o desenvolvimento econômico, social, político e cultural do estado, o que possibilita uma segmentação e diversificação espacial dessa cidade com o restante do cerne do próprio estado. A construção da cidade procura justamente entender o desenvolvimento do espaço picoense ante inúmeras características como, por exemplo, edificações de moradias, políticas públicas e direitos urbanos, flexibilidade urbana e disposição das funções comerciais e de trabalhos.

Nos anos recentes observamos como as cidades de maneira abrangente vivenciaram um avanço de modificações políticas, econômica, social e estrutural. Neste sentido, iremos procurar entender a cidade de Picos/PI a partir de aspectos, sobretudo com o interesse sobre o

desenvolvimento da urbanização que essa cidade ultrapassou ao longo do século XX, especialmente na década de 1970. Um processo modernizante que decorreu da necessidade de planejamento e embelezamento urbano, já que com as enchentes do rio Guaribas, um importante meio de economia agrícola e que oferecia alguns âmbitos de lazer e convivência entre os habitantes, mas que anos anteriores encheu e grande parte da população ficou desabrigada, devido a uma realidade ausente de planos urbanísticos. Uma época em que a economia havia sido fortalecida, o que provocou algumas alterações em aspectos referentes a sua conjuntura, assim como em sua concepção social e moral. Como é destacado:

São exemplos dessas mudanças na década de 1970: a inauguração da Biblioteca Municipal Dom Paulo Libório; a instalação do mercado da carne Borges Leal, na Avenida Getúlio Vargas, local onde até hoje permanece; Transferência do Mercado Público, da Avenida Getúlio Vargas, para a implantação da agência do Banco do Nordeste; Construção do Estádio Municipal de Picos; e a inauguração do Hospital Justino Luz. (CARVALHO, 2016, p. 55).

Significativamente, isso se refere às modificações estruturais, os resultados se fizeram identificar igualmente no interior das correspondências culturais e sociais. Não foi só o panorama físico da cidade que se transformou. As relações entre os sujeitos obtiveram novo aspecto perante o desenvolvimento da sociedade que surgia, e recentes modelos de conduta ocorriam como que acompanhando o andamento das mudanças espaciais. O aprimoramento da cidade divulgou um novo modo de os sujeitos viverem e se vincularem com o espaço, o âmbito urbano moderno postulava por um homem moderno, e foi precisamente esse o discurso disseminado pelos militares nos anos de 1960 e 1970.

2.2 Modificações Estruturais e o crescimento populacional de Picos em decorrência da vinda do 3º BEC e a implementação de apoios federais e municipais

Entende-se, desse modo, que o espaço urbano pode ser considerado como construção espacial, temporal e histórica. Portanto, para a sua abordagem, ainda que em formas particulares, atravessa o vínculo entre condição e processo, nesse caso é planejada através dos intuitos dos ideais desenvolvimentistas da época, mas pautado por um recente debate que preconizava acerca da fragmentação da conjuntura social democrática. Sendo assim, em prol do avanço, o Estado ditatorial implementado em 1964 atuou em duas vanguardas. A começar do domínio sob a sociedade civil, no posicionamento das disposições sociais fundamentadas

pelos anseios da Doutrina de Segurança Nacional. A outra frente condiz com o intermédio nos âmbitos da economia brasileira, principalmente em sua infra-estrutura.

O crescimento urbano das cidades piauienses passou por uma inclinação no decorrer dos anos de 1950, época na qual Teresina vivencia um crescimento rápido. Na cidade de Picos houve um choque demográfico nos últimos anos de 1960 e no início de 1970, ocasionado pelos deslocamentos migratórios da zona rural do estado, do Ceará e do Rio Grande do Norte. Movimento esse, ocasionado pela implantação do 3º BEC no município e da disposição de um melhor entrecruzamento de atividades urbanas e sociais, que transformaram-se no núcleo de propensões dos habitantes de áreas rurais e de cidades com um menor número de instrumentos e infraestrutura urbana. Outro elemento que colaborou fundamentalmente para o avanço urbano do Piauí baseou-se na efetivação de feitos federais de infraestrutura rodoviária, como as obras das BR 316 e 343.

Além disso, ocorreram o implemento de algumas construções, implantação de postos de saúde, educação e diversão, aconteceram ainda progressos na infraestrutura da cidade de Picos. Como o estabelecimento do ampliamiento de abastecimento de água, além do mais, devemos mencionar mais uma vez como exemplo a construção da BR-316, que liga Picos a capital Teresina, como elemento relevante no avanço da região picoense, nos anos abordados. Além disso, possibilitou o seguimento da ampliação no sentido sul, como é destacado nas considerações a seguir:

Fato dos mais auspiciosos para Picos e para toda esta vasta região foi a recente ligação asfáltica com a capital do estado (Picos-Teresina), concluída, em tempo recorde, pelo 3º Batalhão de Engenharia de Construção, neste mês. Concretizou, assim, o 3º BEC um velho sonho desta área do nordeste brasileiro e satisfaz uma de suas maiores necessidade. O asfaltamento da BR-316, trecho Picos-Teresina, possibilitou ligação, por estradas de 1ª classe, com São Luís/MA e Fortaleza/CE, além de outros centros importantes. (CRUZ 1972, p. 2, apud MOURA, 2014, p. 5).

Importante ressaltar que a cidade de Picos vivenciou modificações estruturais em decorrência dos altos níveis de desenvolvimento econômico no qual o Brasil passava, trazendo ao Estado do Piauí, especialmente, à capital e as cidades mais avançadas uma aceitável abundância de construções custeadas pelos auxílios provenientes do chamado milagre econômico brasileiro, modificando a cidade e dando a ela uma atmosfera moderna. Todo esse contentamento do período de redemocratização econômica brasileira, expressou essa apreensão de disposição do recente regime. Desse modo, as estruturas da política

governamental para a economia pautaram-se na elevação do avanço da eficácia da forma e da lógica administrativa para remediar e reaver o retardamento do Brasil.

Para o entendimento sobre a estruturação interna da cidade e alguns outros acontecimentos que ocorreram de maneira concreta para a expansão de Picos, além dos já mencionados, é necessário enfatizar a atuação comercial e a inserção de seus empreendimentos, como é o caso do estabelecimento da Indústria Coelho na década de 1970. Com isso, aumenta a atuação dos comerciantes na cidade, decorrente do crescimento do comércio varejista resultado da relação comercial com outras cidades do estado, favorecido pelo desenvolvimento no deslocamento rodoviário. No ano de 1975 é inserida uma relevante empresa que impulsionou o comércio local:

A ICSA – Indústria Coelho S/A, foi fundada em 1957. O parque industrial da empresa localiza-se basicamente em Petrolina-PE, às margens do Rio São Francisco, possuindo também unidades instaladas nas cidades piauienses de Picos e Simões. Sua área de comercialização se estende a todo território nacional e vários países da África, Europa e América do Norte. Em Picos, as Indústrias Coelho encontra-se em atividades desde o segundo semestre de 1975. (CRUZ; MOURA, 1977, p. 15).

Visto isso, temos em conta que o aparecimento de algumas indústrias pequenas colaboraram com o estímulo do comércio local. Houve assim, um aumento no acúmulo dos encargos de comércio e serviços. As recentes rodovias incorporadas pelo Estado, ligando a capital aos vários estados adjacentes e municípios vizinhos, facilitaram as comunicações de Picos com a Capital e Estados do País. É justamente nessa conjuntura, que o campo central sofreu um desenvolvimento de enaltecimento dos serviços comerciais.

Pensar criticamente sobre a cidade de Picos, é inevitavelmente elucidá-la à compreensão de processos históricos e seus acordos sócio-espaciais particulares. Nessa perspectiva de análise é ainda mais relevante posicionar as concepções nas suas determinadas extensões sem, contudo, abandonar o lugar nas convenientes ideias. Desse modo, o nosso questionamento é retratar acerca do espaço urbano picoense evidenciando os resultados da transferência do 3º Batalhão de Engenharia de Construção (BEC), propriamente relacionado às modificações no espaço regional que, no decorrer dos idos de 1970, deslocou-se da condição de interiorana para uma modernização sócio-espacial da urbe.

Observando a cidade com o destaque pautado no processo urbano e espacial assistido na segunda metade do século XX, corresponde a uma busca de entendimentos sobre as participações de fatores e atores sociais, juntamente com as dinâmicas de crescimento

acontecidos a partir da vinda do 3º BEC, que foi um elemento essencial para compreender a organização local e regional. Uma característica relevante para a modernização da cidade de Picos foi o aumento da atuação dos comerciantes na cidade, consequência da expansão do mercado varejista resultado do câmbio comercial com outras regiões favorecidas pela ampliação no transporte rodoviário. Um outro aspecto sócio-espacial importante foram as migrações de vários sujeitos de cidades vizinhas e de outros estados, o que, certamente, acabou resultando no aumento demográfico, a construção de casas no centro da cidade e a criação de unidades de saúde. Para exemplificar o crescimento da cidade no decorrer da década de 1970, trouxemos uma fotografia tirada do arquivo do Museu Ozildo Albano:

IMAGEM 4 - Pátio da Igreja Matriz e Praça Félix Pacheco, localizado no centro da cidade.



Fonte: Arquivo do Museu Ozildo Albano

A conformação interna da cidade vai ficando gradativamente heterogênea, aptidão que agrava-se na década de 1980, demarcada pelo aparecimento de novos atores e pelo estabelecimento de vantagens e crescimentos espaciais começados em anos antes. Picos, em 1980, “já tem uma população total de 62.000 habitantes”, segundo Santana (1995, p. 242). Desse modo, podemos dizer que o surgimento e planejamento moderno da cidade de Picos foi decorrente de ganhos e vantagens políticas e econômicas ao demandarem a modernidade e a mudança para o Estado do Piauí. Toda conjuntura cidadina foi elaborada precisamente

buscando a isso, considerando-se a cidade como tendo o intuito de ocupar, comandar e arrancar o culminante da região em que se localizava.

É nesse contexto que, significativamente, a conjuntura central da cidade ultrapassou nos anos de 1970 por modificações simbólicas, na qual houve até mesmo a mudança na movimentação, com a vinda de vários sujeitos de regiões vizinhas na cidade, como as que chegaram juntamente com o 3º BEC, como também transformação nas bases de sua organização. Buscando assim, compreender o processo de desenvolvimento culminado em Picos, igualmente entender as mazelas conduzidas ao longo dessa década como, por exemplo, grandes cheias que afetaram a cidade. Sobre isso é preciso destacar que:

Para tanto, no decorrer de mais uma grande enchente, segundo o jornal a “Voz do Campus 1973” as viaturas da polícia militar, do 3º BEC, da prefeitura, e o povo em geral, entraram em ação transportando as mudanças desses moradores, para locais seguros, como grupos Escolares, o Bairro Paroquial, Salão do Pão dos Pobres e Círculo dos Operários, pois a medida em que os dias se passavam com as fortes chuvas, o rio ia mais uma vez penetrando aos poucos na cidade, causando espanto e medo para a população. (LEAL, 2014, p. 33).

Nesse acontecimento, para conseguir solucionar esse cenário dos impactados pelas enchentes de 1973, várias entidades adjacentes não permitiram que a população sofresse ainda mais, o 3º BEC, a prefeitura, e a Casa Paroquial, passaram a subsidiar donativos recebidas de outras regiões e cidades vizinhas, integrando roupas e alimentos, além disso houve a colaboração do Governo do Estado e da Secretária de Saúde que começaram a vacinar grande parte dos habitantes, com o intuito de boa parte dos sujeitos atingidos pelas enchentes não ficassem doentes.

Nessa conjuntura mencionada, das enchentes no interior da cidade de Picos, percebe-se que não foram só alusão de perda, já que além de deixarem parcela da população amedrontados com as destruições, igualmente é notável que muitos começaram a ter uma nova concepção de desenvolvimento para o planejamento da cidade. Desse modo, compreende-se, a transformação concebida na característica social do plano de cidade, como o aparecimento de recentes lugares para moradia, sendo selecionados mais distantes do canal do rio Guaribas.

Do panorama cronológico, destacamos sobretudo os anos de 1970, por se analisar que foi nessa época que ocorreram várias modificações políticas e urbanísticas da cidade. Sugere-se uma narrativa acerca do processo de povoamento e avanço da cidade a partir da chegada do 3º BEC nessa região centro-sul do Estado. Ainda que, na mesma década, a economia local

aumenta devido o surgimento de empresas de comércio e indústria como, por exemplo, as Companhia Têxtil Coelho. Além disso, como destaca Bezerra (2014, p. 24) a economia da região aumentou no decorrer dos anos em consequência de:

A cidade de Picos é a mais desenvolvida economicamente dessa região. Essa característica aliada ao seu posicionamento geográfico lhe conferem a condição de pólo comercial efervescentes no Piauí (especialmente de combustíveis e mel). É cortada pela BR-316 (ou Rodovia Transamazônica), BR-407, BR-230 e fica muito próxima a BR-020. É uma das maiores produtoras de mel do país e destaca-se também por sediar uma unidade do Exército Brasileiro (3º BEC - Batalhão de Engenharia de Construção).

Na sociedade de modo integral, os princípios de continuidade e de modificação permanecem respectivamente em uma inquietação incessante de efeitos e que, várias vezes se respaldam, gerando fundamentos atuais, híbridos. A discussão acerca das cidades na contemporaneidade enfatiza os vários obstáculos relativos ao desenvolvimento de urbanização e as mudanças sociais que atravessam esse episódio. Nesse seguimento, verifica-se a influência das modificações advindas com o 3º BEC, sobretudo, com seus resultados positivos à respeito do bem-estar de grande número da população, que tem estado excluído de vários processos que garantem uma alteração no seu modelo de vida, das políticas educacionais, de admissão no trabalho e de moradia.

O destaque do crescimento populacional em Picos no decorrer da década de 1970 é afirmado ao longo dos anos seguintes, onde acontece o aumento da quantidade de pessoas na cidade, segundo Mara Gonçalves de Carvalho (2016, p. 55) “a população correspondia a 52.757 pessoas”, e ainda completa que “população urbana mais que dobrou já que em 1960 essa população era de aproximadamente 16%, com a virada para a década de 1970 a população residindo na zona urbana passou para aproximadamente 34%”. Picos vai transformando-se em uma das maiores e mais demográficas do estado do Piauí em termos de comércio e habitação. Significativamente, ocorreu o desenvolvimento demográfico de Picos, devido à grande alargamento imobiliário alcançou serras e declives, assim como os leitos do rio Guaribas. Como demonstra algumas considerações realizadas por Pires (2014, p. 12):

Já na década de 1980, o crescimento passa a ser vertical, começam a surgir no panorama da cidade os prédios com até três andares. Esse crescimento se expandiu, na década de 1990. Outro fato importante para o desenvolvimento da cidade de Picos foi a instalação do 3º BEC (Batalhão de Engenharia de Construção), que durante mais de 40 anos, vem realizando várias obras, principalmente de infraestrutura e desenvolvimento sustentável como: o BR 407, que liga o município de Picos/PI a Petrolina/PE, o Aeroporto da cidade,

concluído em 1981, entre outras.

A chegada do 3º Batalhão de Engenharia de Construção (3º BEC), desmembrado de Natal/RN, que estabeleceram suas moradias e depositaram parcela de suas gerações, proporcionou uma considerável movimentação econômica e social, as quais podem ser observadas através de análises no Jornal Macambira e documentos disponíveis no 3º Batalhão de Engenharia de Construção.

O fundamental elemento de propensão seria fator de atração a procura por mão-de-obra, igualmente compreendida como possibilidades econômicas. De outro modo, os movimentos ocasionados pelos aspectos de recessão levariam a um grande obstáculo de incorporação da população migrante na área destinada. Ao se locomoverem para Picos visavam a oportunidade de situações melhores de existência, possibilitada pela viabilidade de trabalho nos avanços de atividades do Exército que ocupavam os arredores da cidade, em uma conjuntura de progresso determinado pelos planejamentos de elaborações de rodovias no Brasil do chamado “milagre econômico”, tendo, portanto, a idealização de uma vida de objeções e aflição. Como enfatiza Kledison de Lima Pires (2014, p. 21):

Essas frentes de serviços comandadas pelo Exército tinham como chefes de equipe um militar engenheiro que acompanhava e coordenava todas as etapas do trabalho. A grande maioria desses trabalhadores era contratada para a execução de trabalhos mais pesados, que não exigiam muito conhecimento técnico para execução. Trabalhos como os de auxiliar de pedreiro, estivadores, marroeiros nas usinas de britagem eram comuns entre essas pessoas.

É nesse avanço de urbanização das cidades que surge um campo de planejamentos de intervenção por meio do 3º BEC no espaço urbano, propostas que possuíam a finalidade de urbanizar e confirmar uma característica moderna, de legitimar o presente e pressupor as exigências posteriores. O desenho das ruas, a construção de novos bairros, recentes métodos edificadores avançados eram tidos como perspectivas essenciais para representar panoramicamente a modernidade que se estava exposto nas cidades.

O exército brasileiro treinou seus combatentes de oficiais engenheiros com ações direcionadas para a sociedade picoense e suas imediações, por meio de acordos com o próprio governo federal e com governos estaduais. Efetivando construções de rodovias, pontes e barragens no Piauí, incluindo Picos com atividades exercidas por setores das forças armadas, em grandes ocasiões, em territórios longínquos e em ambientes de complicado alcance. Entre

essas feitas está a do 3º Batalhão de Engenharia de Construção (BEC), que foi trazido da cidade de Natal/RN à Picos/PI.

São quase 60 mil civis empregados nas obras, geralmente pessoas pobres que vivem na região. “O salário que pagamos à este pessoal é pouco, disse o tenente-coronel Carlos Ferreira de Sousa, só 11 mil cruzeiros, mas em compensação eles trabalham apenas 35 horas por semana. Mas este salário baixo é porque dispomos de poucos recursos para esta finalidade”. As obras são executadas não somente por civis. Os soldados que estão cumprindo o Serviço Militar na unidade, após passarem pelo período de instrução que dura cerca de 6 meses, são deslocados para as frentes de serviços em vários pontos do Piauí. (Jornal Macambira, 1973, p. 5).

Contribuindo com o movimento urbano que desenvolveu com dificuldades coletivas a outras cidades da região, demonstra aspectos peculiares em decorrência de suas características sócio-espaciais, contendo nesse ponto de vista, a separação e a divisão urbana. Podemos afirmar que, cada indivíduo histórico, que vivência sua realidade em uma cidade, passa por uma experimentação particular. Sujeitos possuem uma cidade, vivência e a compreende à sua maneira. Dessa forma, a urbe se transforma em um ambiente plural, que está em permanente transformação, de teias e conexões com as relações sociais.

Desse modo, procuramos elaborar uma pesquisa da história dos picoenses acerca dos eventos que lhes transcorreram, mais especificamente na década de 1970, anos de mudanças na vida desses habitantes. Tendo em vista a maneira do surgimento de novos espaços, periféricos e desmembrados, que indicam a rejeição da centralidade como fundamental aspecto e qualidade distinta e ilusória do urbano. Como esclarece Lefebvre (2008, p. 32):

Não existe realidade urbana (...) sem um centro, sem uma reunião de tudo o que pode nascer no espaço e nele ser produzido, sem encontro atual ou possível de todos os ‘objetos’ e ‘sujeitos’. Excluir do urbano grupos, classes, indivíduos, implica também excluí-los da civilização, até mesmo da sociedade. O direito à cidade legitima a recusa de se deixar afastar da realidade urbana por uma organização discriminatória, segregadora. Esse direito do cidadão (...) anuncia a inevitável crise dos centros estabelecidos sobre a segregação e que estabelecem: centros de decisão, de riqueza, de poder, de informação, de conhecimento, que lançam para os espaços periféricos todos os que não participam dos privilégios políticos. (...) O direito à cidade significa, portanto, a constituição ou reconstituição de uma unidade espaço-temporal, de uma reunião, no lugar de uma fragmentação.

Dentro dessa perspectiva, Lefebvre se refere ao direito dos homens e das comunidades por eles estabelecidos, de delinear acerca de todas as teias e perímetros de conversação, de

informes, de câmbios. Sendo assim, sem precisar submeter-se a um princípio urbanístico, tampouco da interferência dos arquitetos. Muito pelo contrário, vai decorrer de uma característica que faz se presente no significado do urbano, a centralidade.

Tendo em vista as considerações anteriores, e de acordo com os postulados de Elierson Moura (2014), entende-se que “a instalação do 3º BEC se deu através das intencionalidades do Programa de Integração Nacional (PIN), que por sua vez, estavam presentes no *Jornal do Brasil*”. Nesse sentido, a cidade de Picos foi escolhida como um ponto de junção rodoviário no Nordeste, sendo conhecida como o “marco zero” da Rodovia Transamazônica. A instalação passou também a ser justificada a partir da proposição de que a cidade de Picos possuía uma boa localização geográfica. Sendo assim, a chegada do 3º BEC transfigurou consideravelmente a cidade, trazendo consigo os militares e muitos trabalhadores que se estabilizaram em Picos, igualmente estabeleceram suas moradias e depositaram parcela de suas gerações.

Considerando essas proposições da nossa pesquisa, buscaremos enfatizar as mudanças que ocorreram e os impactos das mesmas para essa sociedade. Nesse sentido, pretendemos demonstrar a história que foi construída por civis, mas também com a participação dos militares. Desse modo, seguiremos o mesmo raciocínio de López (2017, p. 30), que nos diz:

No entanto, a outra face da história que representa os prejuízos que os ribeirinhos sofreram, o autoritarismo do poder e a resistência do povo contra a implementação de tal obra é pouca conhecida. Eu mesma, como conterrânea de Bocaina e descendente direta das famílias atingidas só conhecia essa parte da história através dos relatos da minha mãe. Os trabalhos publicados sobre a construção da Barragem de Bocaina dos quais tenho conhecimento representam uma visão elitizada ou não dão ênfase para que os ribeirinhos expressem seus sentimentos e angústias sobre as injustiça que passaram, assim como sua organização contra a Construção de tal obra.

Nesse sentido, pretendemos entender os “motivos” que circundam a vinda do 3º BEC para Picos-PI, onde procuraremos saber quando veio, por que veio, quais foram as melhorias na cidade com sua implantação: em termos de construções de poços, de rodovias, como também, busca-se refletir se houve consequências negativas. Para tanto, nos utilizaremos documentos fornecidos pelo próprio 3º BEC e jornais da cidade que coletamos, e em linhas gerais, pretendemos aqui propor novas percepções sobre a implantação desse Batalhão do Exército e os seus impactos na região.

Essas são indagações que devem ser refletidas através de um ponto de vista do espaço produzido, dentre outras características, aquele que concebe uma realidade concreta, um

produto social em constante seguimento de mudança, compreendendo seu vínculo com a sociedade, já que essa é quem refere à apreensão das consequências dos processos, o tempo e modificação. Cabendo aqui, enfatizar as palavras de Ana Fani Carlos (2004, p. 14) sobre o espaço:

Se a construção da problemática urbana se realiza no plano teórico, a produção da cidade e do urbano se coloca no plano da prática sócio-espacial, revelando a vida na cidade. (...) as relações sociais se materializam num território real e concreto, o que significa que, ao produzir sua vida, a sociedade produz/reproduz um espaço enquanto prática sócio-espacial. A materialização do processo é dada pela concretização das relações sociais produtoras dos lugares. Esta é a dimensão da produção/reprodução social do espaço, passível de ser vista, percebida, sentida, vivida.

Para se entender o exercício de produção social do espaço e é preciso confirmar a sociedade urbana como resultado e objeto humano, o que determina o empenho de se acreditar os diversos modos e teor do urbano como realidades prático-sensíveis da vida diária. O saber da vivência quotidiana é uma base relevante para o entendimento do processo de produção social do espaço, declarado que o cotidiano é característico e integrante dos seguimentos de produção e reprodução dos vínculos sociais capitalistas como conjunto social.

A edificação de limites artificiais no interior dos rios, para a represa das águas, estabelece uma técnica muito usada no Brasil, principalmente em regiões áridas, na qual existe insuficiência há escassez de água. Tal procedimento está relacionado a muitos fatores socioespaciais, das mais diversas formas, englobando, sobretudo problemas agrários e ambientais, como é o caso da Barragem de Bocaina, construída na década de 1980. A obra da barragem de Bocaina está entreposta na conjuntura da inserção de construção contra a seca, por intermédio do Governo Federal e do controle dos resultados das cheias em Picos. A barragem foi construída pelo 3º Batalhão de Engenharia de Construção (BEC), teve por propósitos o fornecimento de água, regulação do escoamento e irrigação:

Em 1959 é criada a SUDENE, autarquia diretamente subordinada ao Presidente da República, como meio de intervenção do Estado no Nordeste, para organizar os órgãos federais existentes, promover e coordenar as políticas públicas de desenvolvimento da região. A SUDENE, em parceria com o 3º Batalhão de Engenharia e Construção (3º BEC), seriam os principais órgãos responsáveis pela construção da barragem de Bocaina, Piauí, no início da década de 1980. (ROCHA; BORGES; COSTA; SANTOS, 2017, p. 122).

Apesar de que tivesse a esperança de modificação da urbe de Picos, que ainda era

iniciante para um campo mais sublime, debatia-se a viabilidade de abrandar os resultados do dinamismo da natureza, contrariamente o de considerar o percurso do rio e permitir a ocupação dos terrenos de inundação. Nessa conjuntura elementos naturais diversos, ora de intempérie, ora de alagações, é que se inicia a elaboração da construção da barragem, feito de grandezas que iria influenciar o panorama natural e socioeconômico daquele lugar.

2.3 O 3º BEC e o apoio em construções, alargamentos, e manutenções na região piauiense

Voltando para os feitos da época estudada, a cidade de Bocaina, distante aproximadamente 30 km da cidade de Picos, foi onde houve uma grande obra realizada pelo 3º Batalhão de Engenharia de Construção, onde está localizada a maior barragem do estado do Piauí, a qual tinha a capacidade para 106 milhões de metros cúbicos de água armazenada, que teve como finalidade ampliar os benefícios e o desenvolvimento socioeconômico da região, tais como, segundo o Jornal Macambira (1973, p. 4) “regularização e perenização do Rio Guaribas, propiciando com isto o controle das enchentes, abundância de água para a irrigação de 2.000 hectares de terras e abastecimento para uma população de 120.000 habitantes”. A imagem a seguir mostra a barragem no momento em que estava sendo construída:

IMAGEM 5 - Barragem de Bocaina em construção no ano de 1970.



Fonte: Arquivo do 3º BEC

Significativamente, não só a conjuntura de Picos, assim como algumas cidades vizinhas ultrapassaram nos anos de 1970 e 1980 por modificações simbólicas, na qual houve até mesmo a mudança na movimentação, com a vinda de vários sujeitos de regiões vizinhas na cidade, como as que chegaram juntamente com o 3º BEC, como também transformação nas bases de sua organização. Buscando assim, compreender o avanço em Picos, igualmente entender os processos conduzidos por esse resultado como, por exemplo, a pavimentação das estradas e outros benefícios advindos. Certamente a barragem pretendia a determinação da saída para finalidade de utilização hidroagrícola, irrigação da várzea à vazante, fornecimento de água para os habitantes e declínio de enchentes. Em grande medida, essa foi a justificativa da construção da barragem, que não foi absolutamente realizada pelos responsáveis, onde atualmente é usada para o criatório de peixes e para diversão.

Podemos levar em consideração que o avanço e o desenvolvimento urbano está indiscutivelmente relacionado ao processo de rapidez da modernidade e os dois alcançam o bem estar dos habitantes em muitos fatores. As cidades passam a se estabelecerem em focos de diversão, em parcela corresponde a probabilidade de trabalho e obtenção de atividades sociais e a tecnologia. Nessa perspectiva, a chegada do 3º BEC no cenário picoense e o seu enunciado indicavam para uma cidade com desenvolvimento, por exemplo, relevantes sistemas elaboradas, pontes, barragens e mudança no espaço social urbano. De exemplo, trago essa fonte fotográfica para demonstrar algumas movimentações e possíveis mudanças no espaço citadino de Picos:

IMAGEM 6 - Construção do 3º BEC no Bairro Jardim Natal, Picos - PI.



Fonte: Arquivos do 3º BEC. Ano 1970.

Portanto, acreditamos que mudanças espaciais urbanas acontecidas na cidade de Picos e em outras regiões encontram-se referentes à mudança na direção do rio, a edificação de rodovias estaduais e federais, às construções geomorfológicas que se acham nos arredores do centro da cidade, com moradias dispersas pelas inclinações de morros, da barragem de Bocaina e o estabelecimento de um Batalhão do Exército, como mostra a fotografia acima, colaboraram no formato espacial e urbanístico que Picos tem atualmente.

Na sociedade de modo integral, os princípios de continuidade e de modificação permanecem respectivamente em uma inquietação. E, a partir da chegada do 3º Batalhão do Exército Brasileiro é possível compreender como se deu os processos de apropriação das imediações, das singularidades. Nessa perspectiva, as fontes trazidas no decorrer do trabalho demonstram, nas grandezas como nós compreendemos, como são ferramentas que possibilitam-nos compreender o espaço da cidade após a chegada do 3º BEC em Picos.

Os jornais que circularam na cidade de Picos nos anos de 1970 não somente comprovam, mostram e divulgam essa história, contudo são parcelas inerentes da construção do Brasil. Desse modo, no aperfeiçoamento de recentes fontes e elementos para a abordagem histórica, a imprensa efetivou-se como referência para pesquisa de caráter múltiplo, incluindo jornais na sua porção de pesquisa, várias vezes usando-os como documento restrito. Tão relevantes assim, essas fontes estabelecem-se como ferramenta para fundamentar a abordagem do pesquisador, representam igualmente como herança cultural, esclarecendo acerca de como o passado concebe entre muitos aspectos, a procura por resposta sobre deliberado episódio. A esse respeito, Borges (2003, p. 90) considera que:

Parece-me interessante registrar que o pequeno uso da imprensa como fonte, apontado no início dos anos 1970 [...], inverteu-se completamente; nota-se hoje nos resumos [das teses e dissertações consultadas] um frequente uso da imprensa, seja como meio fundamental de análises das ideias e projetos políticos, da questão social, da influência do Estado e da censura etc., seja como fonte complementar para a História do ensino, dos comportamentos, do cotidiano. (Apud DE LUCA, 2005: 130).

No interior de todos esses fatores, essa pesquisa procura observar como os jornais impressos, podem ser utilizados como fonte para esclarecer a temática proposta, assim como elucidá-los como documentos e utensílios de importância documental. O intuito da análise histórica não pode ter a intenção de retratar o passado como o próprio ocorreu, e sim elucidá-lo e torná-lo concebível para que seja útil para o período atual. Em Picos, especialmente, nos anos de 1970, foi assinalada por significativos episódios de estrutura social e política, como o

advento do 3º BEC, portanto, os jornais demonstram como aconteceram mudanças que, sem contrariar a importância dos acontecimentos de caráter estrutural evidentes no extenso período, nem o interesse dos trabalhos de característica econômica e demográfica carregados a decorrência através de fontes suscetíveis de trato estatístico, sugeria uma série de problemas recentes, propósitos e análises. Cabe enfatizar as ponderações de Le Goff (1990, p. 540-541):

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da própria posição da sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos “neutra” do que a sua intervenção. [...] O documento é antes de mais nada o resultado de uma montagem do historiador, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, durante as quais continuou a ser manipulado.

O estudo delineado, possibilita dividir as crescentes vertentes do espaço historiográfico, cujos os pesquisadores brasileiros têm sustentado contínua discussão. Sendo capaz, desse modo, entender a abordagem da estrutura documental escolhidas, das funcionalidades auto-propostas, em conexão permanente com a sociedade, o espaço e o tempo em que a fonte se insere. Em outro modo, as divergências na forma física e organização do assunto não se acabam em si, anteriormente salientam para outras, vinculadas às perspectivas declaradas pelos jornais no instante de sua divulgação.

Portanto, uma fonte para a construção desse trabalho, é o uso de periódicos impressos do *Jornal Macambira*, da cidade de Picos, que colaborou para a difusão dos vários planos do 3º BEC, um jornal que era ofertado de modo gratuito para todos os picoenses. Desse modo, os jornais apresentam-se como importante artifício para a pesquisa, como elemento do trabalho histórico. Essa investigação alcança, um entendimento aos discursos realizados pela própria história. Essa razão ganha força quando analisamos os jornais de época como, por exemplo, as publicações intituladas que buscam apresentar algumas transformações surgidas com a construção de uma rodovia (trecho da BR 316), que corta grande parte de bairros de Picos e várias cidades vizinhas, bem como a interação da população do entorno, com essas mudanças. Como é especificado no *Jornal Macambira* do ano de 1983, intitulado como “planos do BEC para 1983”:

O 3º Batalhão de Engenharia de Construções (BEC) situado em Picos, têm constantemente levado frentes de trabalhos por diversas regiões do Estado do Piauí e Ceará. Os trabalhos realizados por esta unidade militar são todas de

cunho social, pois em sua grande maioria tentam amenizar os problemas da seca que assola toda a região Nordeste do País. Mas o Batalhão realiza não somente a construção de açudes. Várias estradas foram abertas e algumas foram até mesmo asfaltadas, e tudo isso contando apenas com material de trabalho adquirido pela própria unidade militar. (JORNAL MACAMBIRA, 1983, p. 3).

A partir da abordagem de publicações de jornais do ano de 1983 sobre a construção da rodovia, juntamente com relatos informais de moradores locais e arquivos fotográficos do 3º BEC, estão sendo analisados o âmbito social e físico dessa cidade, assim como está recentemente. Como esse trajeto faz parte da vida diária de centenas de sujeitos, pode trazer para os moradores, sentidos de relações de pertencimento e de memória quanto no que podem contribuir para uma ampliação da noção de como esse espaço foi e está sendo ocupado.

Notadamente, a cidade de Picos, elevou seu crescimento quando o quartel (3º BEC) iniciou a construção da rodovia BR 316, vinculando-a às capitais e mais importantes regiões do Nordeste, sendo assim, caracterizando com o avanço das atividades relacionadas à pavimentação, construção de barragens, açudes e o grande maquinário. Não somente Picos foi beneficiada com rodovias, poços, barragens, outras cidades vizinhas foram contempladas com melhoria de acesso, empregos, o que representou atender oportunamente toda a reivindicação que lhe cabia. Além da cidade de Bocaina, Jaicós, Capibaribi Mirim/PE, outro exemplo disso é a cidade de Teresina na qual foi feita uma ponte que liga o centro ao bairro de Santa Teresa, como é vista na imagem a seguir:

IMAGEM 7 - Construção da Ponte que liga o bairro de Santa Teresa ao centro de Teresina no ano de 1970.



Fonte: Arquivo do 3º BEC

O aumento e a melhoria de rodovias e pontes beneficia a ligação entre cidades e cresce o desenvolvimento da cidade. Dessa maneira, o que se procura destacar são os aspectos do processo de desenvolvimento originado através da chegada do 3º BEC na cidade, enfatizando não só as modificações mais importantes nela ocorridas, mas igualmente sua relevância para o Piauí, evidenciando os fatores no processo e na construção do entrecruzamento urbano. Esse modo de digressão histórica elucida-se pela necessidade de organizar pontos de vista que seriam pertinentes para se entender a história do próprio estado e da cidade em que vivo.

Compreendemos então que a participação do 3º BEC em construções de apoio, juntamente com os interesses das instituições públicas federais, estaduais e municipais na implantação de rodovias, barragens e poços, aqui no Piauí, de exemplo a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste). As ações executadas possibilitam ao batalhão continuar constantemente treinado, além de levantar o seu grau de atuação. Com o intuito de colaborar com o crescimento econômico e social do território nordestino realizando trabalhos suplementares por intermédio de preservação, melhoria e construção de estradas, barragens e perfuração de poços.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aporte acessível no 3º Batalhão de Engenharia de Construção e no Museu Ozildo Albano possibilita encontrar referências acerca das características fundamentais da elaboração e várias imagens do período estudado. Através do diagnóstico de fontes, fomos capazes de verificar a construção de rodovias, poços e barragens entre os anos de 1970 e 1980. Açudes e barragens foram construídos não somente no Piauí, mas em outros estados do Nordeste, como é o caso da Paraíba, Pernambuco e Ceará. Isso demonstra que o campo de participação do 3º BEC não se limitava apenas à Picos, seu pólo, ou ao Estado do Piauí.

A proposta é destacar sobre o espaço urbano picoense enfatizando as consequências da transferência do 3º Batalhão de Engenharia de Construção (3º BEC), precisamente vinculado às mudanças no âmbito regional que, ao longo dos anos de 1970 e 1980, passou de ambiente interiorano para um crescimento sócio-espacial da urbe. Como já foi mencionado, o âmbito de desempenho do 3º BEC na edificação de açudes, poços e pavimentação não se circunscrevia a Picos, já que houve, por exemplo, o levantamento da obra da Barragem de Bocaina, situada no território sudeste do Piauí, assim como outras construções em outros estados nordestinos.

No decorrer do desenvolvimento do trabalho, fragmentação de informações colhidas, estudo e realização desta pesquisa, cabe agora caracterizar a relevância desta abordagem, bem como um resumo do que foi anunciado no decorrer deste texto. Tais análises possibilitam um exemplo da vida local, fornecendo identificar e analisar concepções em relação aos complexos sócio-espaciais, destacando fragilidades, deficiências, dificuldades e discrepâncias no campo objeto deste estudo.

Grande parte do trabalho foi efetuado no 3º BEC (Batalhão de Engenharia de Construção) e do Museu Ozildo Albano, os dois sediados em Picos, sendo o 3º BEC uma das organizações encarregadas pela efetivação dos planejamentos do governo na cidade de Picos. Nas análises efetuadas no acervo do 3º BEC, foram vistos documentos vinculados à temática proposta, essencialmente materiais acerca das atividades direcionadas ao combate à seca elaboradas na década dos anos setenta e oitenta, fatores de inclinação seria elementos de afeição a busca pela mão-de-obra, igualmente envolvidas com várias possibilidades econômicas e inúmeros aparatos que viabiliza-nos entender o âmbito da cidade após a chegada do 3º BEC em Picos.

Nesse sentido, O 3º BEC foi uma relevante instituição para o desenvolvimento, construção, alargamento, reparo e manutenção de ações em toda a região piauiense, bem como do território nacional, na qual foram utilizadas os mais avançados procedimentos do

âmbito de infraestrutura. De maneira evidente, dá para certificar-se que a BR 316 consistiu em representar um dos maiores tráfegos do estado, esses pontos da mutabilidade urbana são acrescentadas àquelas vinculadas com a exigência de obras. Então podemos conceber que a construção de estradas e demais construções que o batalhão executou estabeleceram os caminhos do desenvolvimento de Picos.

Estes acontecimentos corroboram com a relevância econômica e social do desenvolvimento da malha viária picoense, na qual a partir dos estímulos realizados pelo 3º BEC juntamente com órgãos federais e municipais proporcionaram restaurações e melhorias de rodovias, de equipamentos de abastecimento água e, dessa maneira, efetuaram ações que exigiam procedimentos mais desenvolvidos de construção. Destaca-se que a delimitação temporal do trabalho se justifica em decorrências de essas décadas terem sido marcadas por mudanças piauienses, assim como na picoense. Nesse processo de urbanização das cidades que aparece uma proporção de planos de intervenção por intermédio do 3º BEC no espaço urbano, planejamentos que tinham o propósito de urbanizar e atestar um aspecto moderno, de afirmar o presente e pressupor as exigências posteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAES FILHO, Ricardo. **História e Memória do Regime Militar no Piauí: as falas e os documentos do DOPS (1964-1985)**. 2014.

BASTIAN, Eduardo F. **O PAEG e o plano trienal: uma análise comparativa de suas políticas de estabilização de curto prazo**. Estudos Econômicos (São Paulo), v. 43, n. 1, p. 139-166, 2013.

BEZERRA, Sílvio José Alves Gomes. **MEMÓRIAS EMERGENTES: os impactos causados pelas enchentes no município de Picos na década de 1960**. Monografia (Licenciatura Plena em História) - Universidade Federal do Piauí, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A Ilusão Biográfica**. In. AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História Oral. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. Editora Contexto, 2004.

CARVALHO, Mara Gonçalves de. **"PICOS: história, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970)**."Dissertação de Mestrado UFPI, 2016.

CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. **História e Repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina**. Teresina: Dissertação de Mestrado UFPI, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. v. I. Artes de fazer. Tradução: Ephraim Ribeiro Alves. Petrópolis: Vozes, 2012.

COGGIOLA, Osvaldo. **Governos militares na América Latina**. Editora Contexto, 2001.

CRUZ, Antônio Pereira da. **Ligação asfáltica Picos-Teresina**. A Voz do Campus, Ano I, Picos - PI, n. 2, p. 2, 28 de dezembro de 1972.

CRUZ, Jurivê de S. Santo; MOURA, José Ubiratan de; RODRIGUES, Carlos M.; VELASCO, Edilena de Barros. **ICSA, o nordeste industrial**. Macambira, Picos - PI, ano II, n. 15, p. 5, 8 set. de 1977.

FICO, Carlos. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29- 60, 2004.

JORNAL DA MACAMBIRA, 1993, p. 07.

LEAL, Joseano de Moura. **O impacto das enchentes de 1960 e 1973 na cidade de Picos-PI, a partir das memórias dos atingidos**. Monografia (Licenciatura Plena em História) - Universidade Federal do Piauí, 2014.

LÓPEZ GIL, Margarita Maria. **Análise de cenários de produção de sedimentos na relação oferta-demanda hídrica da Barragem Bocaina-PI**. 2017.

MACARINI, José Pedro. **A política econômica da ditadura militar no limiar do “milagre” brasileiro: 1967/69. Campinas: IE/UNICAMP, 2000.**

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária.* Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MOURA, José Elierson de Sousa. **Os Múltiplos dizeres sobre a cidade: a invenção discursiva da pobreza em Picos (1970-1979),** 2014, p.80.

PIRES, Kledison de Lima. **Memória e outras histórias: as migrações para a cidade de Picos na década de 1970.** Monografia (Licenciatura Plena em História) - Universidade Federal do Piauí, 2014.

ROCHA, Paulo Henrique Luz; BORGES, Maria do Socorro Rocha; COSTA, Suiane Silva; SANTOS, Raimundo Wilson Pereira dos. **Barragem de Bocaina/PI: CONTEXTO HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO, FINALIDADES E USO RECENTE.** Revista do Departamento de História e do Programa de Pós Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 06, n. 2, jul./dez. 2017.

STEINKE, Sabrina. **A Repressão Política na Fronteira Uruguaiana: paso de los libres no final da década de 1970.** Brasília, 2016. Dissertação de Mestrado.

OLIVEIRA, Marylu Alves de. **A cruzada antivermelha-democracia, Deus e terra contra a força comunista: representações, apropriações e práticas anticomunistas no Piauí na década de 1960.** 2008. Dissertação (Mestrado)–UFPI, Teresina.

PENNA FILHO, P. (2009). **O Itamaraty nos anos de chumbo-o Centro de Informações do Exterior (CIEX) e a repressão no Cone Sul (1966-1979).** *Revista Brasileira de Política Internacional*, 52(2).

REIS FILHO, Daniel Aarão. Um passado imprevisível: a construção da memória da esquerda nos anos 60: **Versões e ficções: o sequestro da história.** Daniel Aarão Reis Filho (Org.). São Paulo: Perseu Abramo, 1997. p. 31-45.

VILLELA, Bruno Pessoa. **O Brasil e a República Dominicana: A participação do Brasil no governo do Marechal Presidente Castello Branco, 1965/ 1966.** UFF, NITERÓI, 2007.

ZAPARTE, Andréia et al. **A DOPS e a repressão ao Movimento Estudantil em Curitiba Paraná (1964-1969).** 2011.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Walquínia Carvalho Leal,

autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação Política, progresso e efetivação: O 3º BEC na cidade de Picos-PI 1970-1980.

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 11 de dezembro de 2018.

Walquínia Carvalho Leal
Assinatura

Assinatura